

O PAPEL ESTRATÉGICO DA PARCERIA SINO-RUSSA NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DA NOVA ROTA DA SEDA

THE STRATEGIC ROLE OF THE SINO-RUSSIAN PARTNERSHIP IN THE DEVELOPMENT OF THE NEW ROUTE OF SILK PROJECT

Danilo Augusto da Silva Horta¹

Resumo: Historicamente, China e Rússia apresentam diversos momentos de aproximação e de distanciamento entre seus governos, de maneira que a compreensão do relacionamento sino-russo é extremamente complexa. Apesar de tal complexidade, observamos que, desde os primeiros anos do século XXI, Rússia e China se aproximam e fortalecem sua cooperação no âmbito econômico e no âmbito político, de maneira que analisar a aproximação entre os dois maiores Estados Asiáticos faz-se extremamente necessário. A presente pesquisa tem por objetivo desmontar e discorrer acerca do papel estratégico da cooperação sino-russa para o progresso do projeto da nova rota da seda chinesa, visto a enorme importância geopolítica, militar e econômica que a Federação Russa possui na Ásia e na Europa; nossa principal hipótese é a de que tanto a cooperação sino-russa quanto o apoio da Federação Russa são vitais para o progresso e sucesso do Projeto da Rota da Seda chinesa, e que, sem tal apoio, haveriam custos econômicos, políticos e militares que criariam dificuldades extremas para seu desenvolvimento. Para atingir tal objetivo, partimos de um método de abordagem hipotético dedutivo e realizamos uma análise exploratória (assim como a seleção e análise de indicadores econômicos disponíveis) e uma ampla revisão bibliográfica, a fim de demonstrar os benefícios que a cooperação sino-russo assegura para ambos os países.

Palavras-Chave: Parceria Estratégica; Cooperação; China; Federação Russa; Rota da Seda.

Abstract: Historically, China and Russia have had several moments of convergence and divergence between their governments, so the understanding of the Sino-Russian relationship is extremely complex. In spite of such complexity, we observe that, since the early years of the 21st century,

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail de contato: danilosilvahorta@gmail.com

Russia and China have approached and strengthened their cooperation, economically, militarily and also in the political sphere, so much so that, to analyze the approximation between the two greatest Asian countries becomes a necessity. This research aims to unpack and discuss the strategic role of Sino-Russian cooperation for the full development of China's project: "One Belt One Road Initiative", given the geopolitical, military and economic importance that the Russian Federation has both in Asia and Europe. The main hypothesis is that both the Sino-Russian cooperation and Russia's political support are vital for the success of the Chinese project, in such a way that without said support, China would face immensely high political, militarily and economical costs, that would seriously jeopardize it. To be able to achieve this objective, we started from the hypothetical deductive approach method and carried out an exploratory analysis (as well as an assembly and analysis of ample measures available) and also a bibliographic review, in order to ensure that Sino-Russian cooperation is beneficial for both countries involved.

Keywords: Strategic Partnership; Cooperation; China; Russian Federation; Silk Road.

Introdução

Para compreendermos a importância que a parceria sino-russa apresenta no século XXI, faz-se necessário realizarmos alguns apontamentos básicos, que dizem respeito tanto a estratégia geopolítica dos Estados Unidos pós 1990 (terceiro ator determinante para o relacionamento entre as potências asiáticas) quanto no que dizem respeito a aspiração da China e da Rússia no que tange ao sistema internacional.

De maneira geral, entende-se que, após a guerra da União Soviética (URSS) no início da década de 1990, os Estados Unidos ascendem enquanto potência hegemônica no sistema internacional, instaurando um momento unipolar neste último. Ao alçar-se enquanto hegemonia, a estratégia geopolítica estadunidense se alterou drasticamente, e passou a ser orientada por uma tentativa de manutenção dessa posição norte-americana em um sistema internacional unipolar. A busca pela revisão da hegemonia e da unipolaridade sistêmica se traduziu em uma estratégia geopolítica baseada em dois pontos centrais, que são: 1) a busca por enfraquecer potenciais desafiantes à sua hegemonia e 2) a procura da capacidade de dominar (direta ou indiretamente) e controlar recursos estratégicos em nível mundial, dos quais os recursos energéticos se sobressaem

(MAZAT; SERRANO, 2012; TSYGANKOV, 2005). Tal como descrito por Mazat e Serrano (2012, p.11):

Na ausência de uma potência rival em âmbito global, a prioridade da estratégia do Estado Americano mudou para o enfraquecimento do poder dos países que aspiram ser potências regionais, especialmente - mas não apenas – aqueles que dispõem de armas nucleares (FIORI, 2004). O outro objetivo central da estratégia geopolítica americana é a tentativa de manter o controle do acesso às principais reservas mundiais de recursos energéticos.

Durante a década de 1990, essa estratégia geopolítica dos EUA foi responsável por afetar diretamente o continente asiático, em especial as principais potências da região, China e Rússia, consideradas por eles como países com considerável capacidade de desafiar sua hegemonia e de transformar o sistema internacional em um sistema multipolar.

No que tange a Federação Russa, na década de 1990, as políticas pró-ocidentais e a condução econômica liberalizante de Boris Iéltsin – caracterizada pela fracassada “Terapia de Choque” – foram responsáveis por devastar e destruir grande parcela das capacidades econômicas, militares e políticas da Rússia. A desastrosa condução econômica e política dos governos de Boris Iéltsin (1991- 1999) levaram a Rússia a passar por intensos processos de desindustrialização (fator que causa uma maior dependência do comércio de matérias-primas e produtos primários – há, portanto, um processo de reprimarização da pauta econômica Russa) e de desmilitarização (visto que a política pró-ocidental se traduziu numa redução de investimentos militares e na destruição de grande parcela da capacidade bélica e da capacidade bélica potencial da Federação), de maneira que, durante a década de 1990, a Rússia passa a ser cada vez mais marginalizada no sistema internacional (visto o enfraquecimento do Estado russo) e apresenta pouca capacidade de atingir seus interesses mais complexos, em especial porque se observa um aumento da assimetria de poder entre a Rússia e os Estados Unidos.

Em 2000, Vladimir Putin assume a presidência da Federação Russa (e se mantém como um dos principais políticos do executivo desde então, via chapa e estreita relação com Medvedev) com dois objetivos principais: 1) tornar a Rússia uma potência relevante e poderosa no sistema internacional e 2) transformar o sistema internacional em um sistema multipolar (entenda-se eliminar a hegemonia norte-americana). Tais objetivos, expressos num documento oficial denominado “*The Foreign Policy Concept Of The Russian Federation*”, ratificado em 2000 pelo Estado russo, iriam moldar a forma pela qual a Federação buscou e busca inserir-se no sistema internacional no século XXI; tal alteração da política é vital para compreendermos aproximação e

formação de parceria entre China e Rússia na contemporaneidade (RÚSSIA, 2000; MAZAT; SERRANO, 2012; ADAM, 2012; BISSIO, 2017).

No que tange a China, a década de 1990 também representaria grandes alterações em sua relação com os Estados Unidos. Desde 1949, e em especial pós reformas de 1949, o Estado Chinês, comandado pelo Partido Comunista Chinês (PPCh), vem sofrendo grandes transformações econômicas oriundas de um intenso processo de desenvolvimento, que possibilitaram a China se tornar um ator cada vez mais importante e relevante no sistema internacional (MEDEIROS, 2008).

Tal processo de desenvolvimento obteve sucesso, em grande medida – em especial nas fases iniciais –, por conta da aproximação da China com os EUA, que ocorre por meio da “diplomacia do *Ping-Pong*”, na década de 1970, e por conta da manutenção de boas relações na década de 1980, durante os governos Regan (1981-89), cuja estratégia fundamental era aproximar-se da China para isolar a URSS no sistema internacional (LEÃO, 2012; KISSINGER, 2011). Durante a década de 1990, observamos um grande distanciamento da China e dos EUA, sendo os motivos deste distanciamento muito discutido: há alguns autores, como Kissinger (2011), que defendem que a distância diplomática entre China e EUA ocorreu em função de uma defesa da pauta de direitos humanos por parte do governo dos EUA (sendo os acontecimentos de 1989 denominados de “massacre da Praça da Paz”, um ponto de cisão entre as duas potências); outros autores, como Leão (2012) e Mazat e Serrano (2012) entendem (ou nos permitem compreender) que o afastamento dos EUA da China nos anos 1990 se deram em essência por dois motivos: em primeiro lugar, após a queda da URSS, a China passa a ser um dos principais países que se contrapõe a modelos, ideais e valores defendidos pelos norte-americanos, se tornando, rapidamente, um dos principais “inimigos” ou adversários a ser combatidos em nível internacional; em segundo lugar, o processo de desenvolvimento econômico chinês, já nos primeiros anos da década de 1990, passa a afetar diretamente o dinamismo de diversos setores econômicos estadunidenses, de maneira que o distanciamento se dá num momento em que os interesses econômicos dos EUA passam a ser afetados pelo crescimento chinês.

Nesse sentido, tanto a China quanto a Federação Russa são afetados diretamente pela ascensão dos Estados Unidos enquanto potência hegemônica no sistema internacional. Apesar de serem afetadas, na década de 1990 as potências apresentam comportamentos distintos em relação aos EUA: o distanciamento dos EUA da China fortalece o PPCh (com a formação do grande

compromisso em 1992) e a formação de uma política externa mais independente, pragmática e persistente (visando a manutenção do desenvolvimento econômico) (LEÃO, 2012); a Rússia, por sua vez, com sua política pró-ocidental, buscou se aproximar dos EUA e das potências ocidentais (União Europeia) a fim de se favorecer com benefícios econômicos e políticos que nunca seriam obtidos em outras circunstâncias. É por conta do distinto comportamento em relação da potência hegemônica que, no pós-1990, as relações existentes entre China e Federação Russa foram tímidas, não se desenvolvendo em áreas com grandes potencialidades.

No século XXI a Rússia, sob o comando de Vladimir Putin, e posteriormente de Dimitri Medvedev, busca contrapor-se aos Estados Unidos, e passa a buscar fortalecer relações com potências capazes de assegurar uma posição estratégica à Rússia no sistema internacional. É nesse cenário que a China surge como um dos grandes parceiros estratégicos da Federação Russa; por outro lado, é a partir da ascensão de Putin ao poder que a Rússia passa a ser um ator cada vez mais importante para a política externa chinesa, sendo entendida como vital para que o país consiga atingir alguns de seus principais objetivos políticos e econômicos, em especial no que tange ao projeto da denominada “*One Belt One Road Initiative*”, traduzido como “nova rota da seda” para o português.

A formação e consolidação da parceria estratégica sino-russa

A formação de uma parceria estratégia sino-russa apresenta um enorme potencial de transformação sistêmica, em especial quando consideramos que esses dois países – China e Federação Russa – são dois dos atores mais poderosos do sistema internacional, seja em termos econômicos, políticos ou militares. Tal como ressaltado por Alvares e Padula (2020, p. 214):

A parceria sino-russa atual, para além de objetivos específicos, está situada dentro de uma razão estrutural da ordem: alterar a balança de poder internacional, no sentido de contrabalançar o excedente de poder unipolar dos EUA conquistado com o fim da Guerra Fria, sendo, portanto, contestadora da ordem global.

Como dissemos anteriormente, a formação dessa parceria estratégica ocorre a partir da ascensão de Vladimir Putin à presidência da Rússia em 2000, apoiado também por diversos setores econômicos e políticos da Federação. A busca por tornar essa uma potência num sistema multipolar, somado ao fato de ter os EUA e organizações ocidentais (consideradas como instrumentos norte-americanos), tal como é o caso da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico

Norte (OTAN), como principais inimigos, fez com que Putin, desde cedo, buscasse formar laços mais próximos com países capazes de fortalecer a posição da Federação na Ásia e dinamitar a influência e o poder estadunidense e ocidental das zonas de influência russas. É nesse sentido que, ao assumir o poder, a China surge como um dos (se não o principal) aliado potencial da Rússia no longo prazo, mesmo que, na década de 1990, as tímidas relações entre estes países colocassem grandes desafios para a criação e desenvolvimento de uma forte parceria (MAZAT; SERRANO, 2012; ALVARES; PADULA; 2020).

No que tange as questões políticas e diplomáticas, durante a primeira década de 2000, observamos uma série de ações que demonstraram não apenas o interesse, mas a congruência de objetivos que ambas as potências possuíam em diversos assuntos, em especial no que tange aos objetivos para o sistema internacional. A relação sino-russa passa ganhar novas formas a partir da iniciativa de Putin, de modo que em 16 de julho de 2001 há a assinatura, pelos representantes de ambos os países (Vladimir Putin pela Federação Russa e Jiang Zemin pela República Popular da China), do Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação, sendo este um instrumento jurídico e político para que as duas potências conseguissem desenvolver relações bilaterais no novo século (ADAM, 2012). Também em 2001, um novo passo nas relações entre os dois países foi dado: a criação da Organização da Cooperação de Xangai fortalecia as relações entre China e Rússia, criando condições para diminuir as tensões na área securitária, seja entre ambos os países, seja em relação às potências ocidentais.

A Organização da Cooperação de Xangai (Shanghai Cooperation Organization – SCO) foi criada em 2001 para estabelecer aliança entre Rússia e China em termos militares e de combate ao terrorismo, ao fundamentalismo religioso e ao separatismo na região da Ásia. [...] a SCO é “uma organização de cooperação política e militar que se propõe explicitamente a ser um contrapeso aos EUA e às forças militares da OTAN” (MAZAT; SERRANO, 2012, p. 27).

Em 2004 Putin resolve as últimas questões relacionadas a disputas territoriais com a China, criando um caminho para uma diminuição de potenciais conflitos entre ambas as potências. Em julho de 2005 alguns países asiáticos assinam a Declaração Conjunta China-Rússia para o século XXI cujo conteúdo é destacado por Bissio (2017, p. 545): “Nessa declaração, a China e a Rússia enfatizaram os princípios que orientaram as relações entre ambas: ‘respeito mútuo da soberania, integridade territorial, não-agressão e não-interferência’” (MAZAT; SERRANO, 2012; BISSIO, 2017).

Além do enorme fortalecimento das relações sino-russas por meio de ações bilaterais, o fortalecimento da cooperação e da parceria estratégica entre ambas também ocorre por meio de organizações e instituições multilaterais, principalmente, por meio da aliança e maior cooperação conjunta com outras potências emergentes. Um caso claro de fortalecimento e intensificação da parceria estratégica sino-russa acontecendo em nível multilateral é o dos BRICS, tal como ressaltado por Bissio (2017) e Adam (2012).

Mesmo sem transformarem o grupo BRICS em uma organização nem o apresentarem como uma aliança formal de matriz político ou econômico, os governos dos cinco países têm se posicionado de forma uníssona em alguns temas internacionais, como comprova a Declaração de Nova Déli, emitida pelo BRICS após o encontro do grupo em 2012. De semelhante modo, adotam posturas que são diversas às da aliança euro-atlântica, sobretudo no que diz respeito ao papel da ONU, à utilização do diálogo e à defesa do princípio da não intervenção em assuntos domésticos de terceiros. (ADAM, 2012, p. 86).

Bissio (2017), segue na mesma linha:

Desde 2006, quando foi selado o primeiro acordo de parceria entre os chanceleres do Brasil, Rússia, Índia e China, no marco da 61ª Assembleia Geral da ONU, esse instrumento foi ganhado projeção e ampliou-se com a incorporação, em 2011, da África do Sul, tornando-se BRICS. Os avanços conquistados ano a ano fizeram com que o grupo passasse progressivamente da informalidade à institucionalização (BISSIO, 2017, p. 549).

A institucionalização ressaltada por Bissio (2017) ocorre em 2014, com a criação e fundação do Novo Banco de Desenvolvimento, ou como é popularmente chamado “Banco dos BRICS”, é um importante instrumento econômico internacional de contraposição às instituições financeiras mundiais originadas em Bretton Woods, a saber, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Após a incorporação da Crimeia pela Federação Russa em 2014, a parceria sino-russo se torna extremamente importante para a última, em especial por que as sanções econômicas e o maior afastamento do ocidente afetaram diretamente a Federação, tanto em termos econômicos quanto políticos (SCHUTTE, DEBONE, 2020).

Em termos econômicos, as relações bilaterais entre a China e a Federação Russa vêm crescendo, de maneira constante e intensa, durante todo o século XXI. De maneira geral, esse crescimento não deriva apenas da aproximação política destas (apesar de, aparentemente, existir alguma relação neste sentido), mas sim, das necessidades estruturais apresentadas por cada uma.

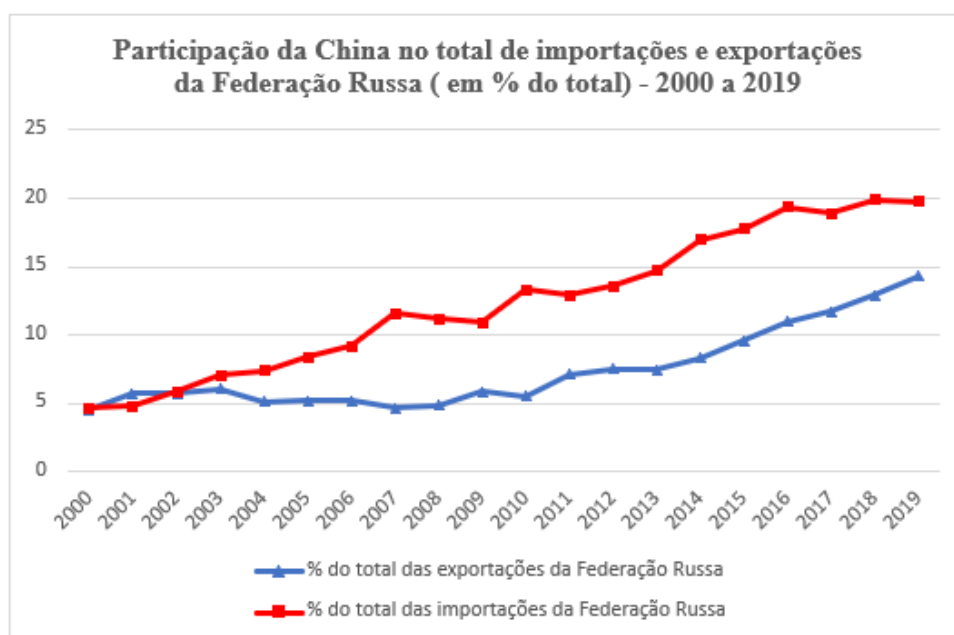
Como dissemos anteriormente, durante a década de 1990 a Federação Russa passou por um grande processo de desindustrialização e desmilitarização, fator responsável por criar uma dupla dependência econômica na Federação Russa: a primeira diz respeito à dependência de importação de bens e serviços cuja economia nacional não produz; a segunda diz respeito a exportação de commodities, em especial a de petróleo e gás natural (houve, na Rússia, um grande processo de reprimarização).

No século XXI, a fim de reverter os problemas criados pelos governos de Boris Iéltsin, Putin-Medvedev estabelecem um Programa de Substituição de Importações, que busca proteger e estimular o crescimento, desenvolvimento e modernização de setores estratégicos russos (GALOVA, 2021), sendo este um fator que impacta diretamente grande parcela da composição das importações realizadas pela Federação (e também um dos fatores explicativos da crescente importância das importações oriundas da China para a Rússia). Vale destacar que a Federação Russa apresenta a maior reserva mundial de gás natural e possui, também, a quarta maior reserva de petróleo do mundo, sendo, sem dúvidas, uma das maiores potências energéticas do mundo (e a maior da Ásia e da Europa) (BP, 2021).

Por outro lado, o intenso processo de desenvolvimento chinês foi responsável pelo crescimento da capacidade produtiva e também da demanda interna chinesa; este fator, somado ao fato de que parcela considerável da demanda interna, em especial no que tange a *commodities* energéticas e recursos alimentícios, não consegue ser sanada pela oferta doméstica, implicando em uma crescente necessidade de importar diversas matérias-primas e alimentos, é um dos fatores que explicam a crescente importância da Federação Russa para a China. Ao contrário do que ocorre com as matérias-primas e com demais *commodities*, a capacidade produtiva chinesa em setores industriais e manufatureiros é muito superior à demanda existente no país, fator este que cria uma necessidade de exportar seus produtos a fim de estimular seu processo de desenvolvimento, sendo a Rússia, uma grande consumidora de seus produtos – potencializando também, a importância econômica da Federação para a China (MEDEIROS, 2008; LEÃO, 2012; FALEIROS et. al, 2014).

É por conta desta estrutura econômica que a Federação Russa aparece como um grande e importante aliado para a China, apesar de que, a dependência da importação de recursos energéticos possa ser um fator de desentendimento e desconfiança na relação sino-russa. De toda maneira, é inegável que a importância desse relacionamento em termos econômicos vem crescendo juntamente

com a relevância desta relação em termos políticos e diplomáticos. Tal como pode ser observado no gráfico 1.



Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados disponibilizados na OEC (2021).

Tais dados econômicos nos permitem fazer alguns apontamentos vitais para observarmos a evolução das relações sino-russas. A Federação Russa, desde o início do século XXI, buscou aumentar e intensificar as relações econômicas com a China, entretanto, como podemos observar, pelo menos até o início da segunda década do XXI as exportações russas para a China cresceram pouco (pelo menos em porcentagem das exportações russas totais); muito disso se deve ao fato de que a China busca diversificar suas fontes de abastecimento energético, tal como apontado por Mazat e Serrano (2012, p. 27): “A China é grande importadora de hidrocarbonetos russos. Mas, ao mesmo tempo, preocupa-se com sua segurança energética e não quer depender da Rússia para seu abastecimento de gás e petróleo. A China não quer ser ‘refém’ dos dutos majoritariamente controlados pela Rússia na Ásia Central”. Nesse sentido, o aumento das exportações russas para a China, que ocorre desde 2010, representa uma maior confiança entre as duas potências, visto que os principais produtos exportados pela Federação Russa são o gás natural e o petróleo.

Enquanto a Rússia estava à procura de mercados para suas exportações de petróleo e gás natural, a China se tornou, desde 2009, o maior consumidor mundial de energia primária. De fato, o principal fator de risco à segurança energética da China é sua crescente dependência das importações de petróleo, que, em 2018, corresponderam a aproximadamente 72% do fornecimento à demanda interna (BP, 2019). A cooperação bilateral entre Rússia e China no setor de energia logrou expressivo crescimento com a

construção de oleodutos e intensificação do fluxo de navios petroleiros russos. Entre 2009 e 2017, a exportações de petróleo da Rússia para a China Aumento em 539 barris por dia (bpd) para 1,25 milhão bpd (BP, 2010; BP, 2018). Em 2015 a China superou a Alemanha como país que mais importava petróleo da Rússia (Bachman, 2016). E ao fim de 2016, a Rússia Superou a Arábia Saudita como maior fornecedor de petróleo para a China (SCHUTTE, DEBONE, 2020, p, 40).

Por outro lado, o aumento das importações oriundas da China por parte da Federação Russa, em especial pós-2014, demonstram uma maior interação e crescente importância da China para a Rússia. Tal como descrito por Schutte e Debone (2020, p. 40):

Estima-se que aproximadamente 70% das exportações da Rússia para a China sejam do setor de energia, enquanto as exportações da China para a Rússia são majoritariamente de maquinário, entre os quais equipamentos de exploração de petróleo negados pelo Ocidente a partir das sanções iniciadas em 2014.

Apesar do aumento da cooperação e da parceria sino-russa em diversos âmbitos, tal como no econômico, no político e no diplomático, a relação não está livre de desconfiças e preocupações, embora estes últimos sejam marginalizados pelos benefícios obtidos pela cooperação. Entretanto, as desconfiças e preocupações fazem com que os países adotem certas políticas a fim de minimizar potenciais danos oriundos de um desentendimento entre ambos. Nesse sentido, tecer algumas considerações acerca das preocupações e desconfiças em uma relação promissora é vital para compreendermos, efetivamente, a importância e o papel da relação sino-asiática na formulação da rota da seda.

As desconfiças e preocupações na relação sino-asiática

Como dissemos nos tópicos anteriores, desde o início do século XXI a parceria sino-russa vem se desenvolvendo e se consolidando nas mais diversas áreas, constituindo, em essência, um importante eixo de contestação da ordem unipolar estabelecida pelos EUA após o fim da guerra fria. Também ressaltamos aspectos estruturais, econômicos e políticos que levaram e possibilitaram o crescimento e desenvolvimento da parceria sino-russa, que beneficia ambos os Estados. Ocorre, entretanto, que cada potência cultiva uma série de desconfiças e preocupações em relação aos efeitos dessa parceria, agindo de maneira a mitigar potenciais efeitos devastadores caso se observe uma alteração da política externa e objetivos de cada potência.

No que tange a China, como já dito, há uma clara preocupação no que diz respeito a sua segurança energética, que faz com que se observe grande resistência em aumentar a dependência de apenas um fornecedor de energia, colocando uma grande barreira na intensificação das relações

econômicas sino-russas (mesmo que se observe um crescimento da importação de hidrocarbonetos russos, é inegável que a capacidade energética russa poderia suprir uma parcela maior das demandas energéticas chinesas). Além da barreira à maior importação de hidrocarbonetos russos, as preocupações chinesas fazem com que esta busque aumentar sua influência e melhorar suas relações com Estados da Ásia Central, buscando comprar recursos energéticos destes. Esta crescente influência chinesa na região, área historicamente sob a esfera de influência russa, é fonte de algumas preocupações para a Federação (ADAM, 2012; MAZAT; SERRANO, 2012; ALVARES; PADULA, 2020). Apesar disso, entendemos que, tal como expresso por Mazat e Serrano (2012, p. 28)

[...] a parceria estratégia entre China e Rússia é tão fundamental para os dois países que as tensões acerca da questão energética - ou de outras divergências de interesses, naturais entre duas potências, por mais importantes que sejam - não foram capazes de ameaçar a colaboração entre os dois países no que diz respeito à tentativa de limitar o poder dos Estados Unidos.

No que diz respeito à Federação Russa, o processo de desenvolvimento chinês e a rapidez de seu crescimento econômico, industrial e militar preocupa a Rússia, em especial no que tange a capacidade da Federação de ser uma potência em uma ordem multipolar. Nesse sentido, a Federação Russa busca tanto se desenvolver (a fim de diminuir a importância econômica da exportação de hidrocarbonetos), quanto se inserir no sistema internacional sem criar uma dependência em relação à economia e política chinesa (trata-se da busca pela manutenção da capacidade de se opor à China – se necessário –, isto é, de não ser subserviente aos interesses chineses). Os receios russos em relação a China levam a Federação a apresentar dois comportamentos: 1) a Rússia busca transformar sua estrutura econômica (industrializar-se, modernizar-se e desenvolver diversos setores econômicos) – tal busca ocorre pelo processo de substituição de importações posto em marcha desde a ascensão de Putin à presidência; e 2) a Federação busca criar ligações fortes com outros Estados que não a China, a fim de fortalecer seu papel regional e evitar aumentar as assimetrias em relação à potência Asiática; nesse sentido, podemos observar a criação da União Econômica Euroasiática (UEE), que conta com a Federação Russa, Quirguistão, Bielorrússia, Cazaquistão e Armênia, servindo como um instrumento potente de influência Russa na Ásia Central (ALVARES; PADULA, 2020; SCHUTTE; DEBONE 2020).

De toda maneira, apesar das preocupações e de algumas ações de precaução, compreendemos que a parceria sino-russa, além de estratégica, tende a crescer no longo prazo, especialmente porque a integração traz benefícios econômicos e políticos para ambos os países.

A falta de cooperação entre as potências, acarretaria em custos políticos e econômicos gigantescos para ambas: a Rússia, além de ter sua economia potencialmente afetada (visto a possível menor importação de hidrocarbonetos russos por parte da China), teria que lidar com pressões e conflitos de interesses em relação a Ásia Central e dependeria do ocidente para manter seu processo de substituição de importações. A China, por sua vez, além de perder um grande parceiro comercial, teria dificuldades em atingir alguns de seus objetivos de integração regional, tal como o projeto da “*One Belt One Road Initiative*”. Ambas as potências perderiam grande poder de enfrentar a hegemonia norte-americana, visto que o enfrentamento é potencializado pela aliança sino-russa. Se o crescimento das relações e a consolidação de uma parceria estratégica entre China e Federação Russa tem por capacidade potencializar a integração regional, é válido tecer algumas considerações sobre a importância da relação sino-russa na formulação da rota da seda.

A relação sino-russa na formulação da *One Belt One Road Initiative*

A nova rota da seda pode ser descrita como um megaprojeto de infraestrutura que visa unir, por meio de desenvolvidos sistemas de transporte, o continente asiático, o europeu e o africano. De acordo com Pautasso (2018, p. 93), a nova rota da seda pode ser compreendida como

[...] um processo de integração, diferente do paradigma neoliberal, centrado na produção/comércio via os “cinco fatores de conectividade”, nomeadamente: a) comunicação política; b) conectividade de infraestrutura; c) comércio desimpedido; d) circulação monetária; e) entendimento entre pessoas. Ademais, cumpre diversos objetivos articulados para a China como, primeiro e imediatamente, criar demanda para a supercapacidade ociosa da indústria nacional.

Alvares e Padula (2020) ressaltam que o crescimento da influência e do poder chinês por conta da rota da seda assusta os Russos. Apesar disso, as dificuldades econômicas e políticas oriundas do enfrentamento com o ocidente colocam a Federação em uma posição complicada: ao mesmo tempo em que podem tirar enormes benefícios da integração regional trazida com a nova rota da seda, há riscos, conforme salientado.

Para a Rússia, o lançamento da BRI foi visto como risco e oportunidade. De um lado, o crescimento da influência chinesa sobre a Ásia poderia deslocar a Rússia de sua esfera de influência tradicional. De outro, a deterioração das relações com o Ocidente, em especial após as sanções de 2014, fizeram com que a política externa

se voltasse mais em direção à Ásia e aumentasse a cooperação com a China e outros parceiros, representando uma miríade de oportunidades, devido à complementariedade econômica e ao grande mercado asiático (ALVARES, PADULA, 2020, p. 216).

É num cenário cheio de riscos e incertezas que os russos buscam pôr em marcha uma política econômica e uma diplomacia que assegure ao país poder e voz no sistema internacional. A aceitação da rota da seda por parte da Rússia ocorre paralelamente à formulação de políticas que diminuam potenciais riscos à sua economia e poder - na economia, tem-se a adoção do processo de substituição de importações e na diplomacia tem-se a formação da UEE - (vale ressaltar que tais diversificações políticas além de trazerem segurança para a Rússia, podem ser fontes de diversas oportunidades). Entendemos que o aval da Rússia foi e é vital para o sucesso da rota da seda, sendo este “aval” dado em 2019 por Putin, ao aceitar a construção da “*Meridian Highway*”, importante infraestrutura que se conectará a rota da seda, preenchendo uma lacuna de conectividade na *Eurasian Land Bridge*.

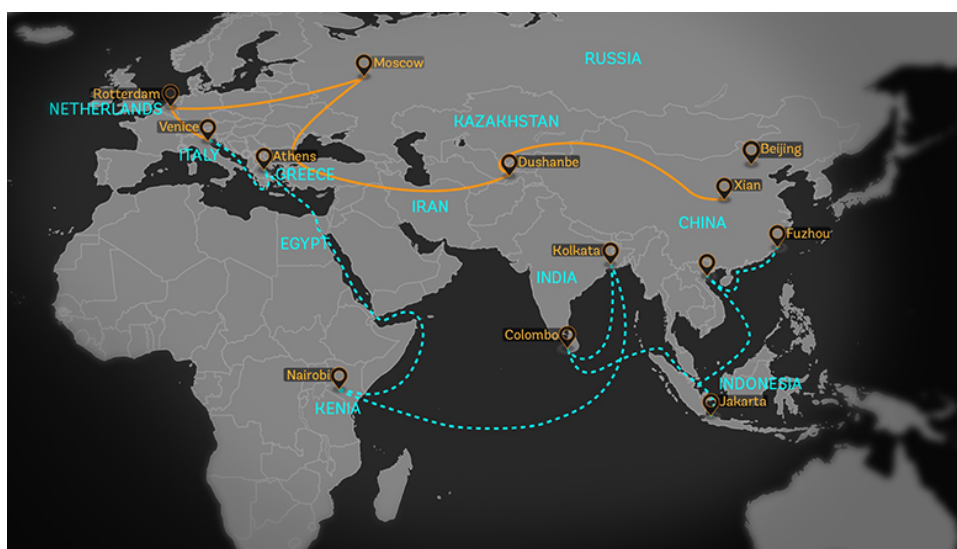


Figura 1- Nova Rota da Seda (*One Belt One Road Initiative*)



Figura 2- Meridian Highway. Fonte: Korybko (2019)

Em nosso entendimento, o aval da Rússia para o progresso da rota da seda (responsável por diminuir custos econômicos e políticos por parte da China para o desenvolvimento deste megaprojeto) advém de dois fatores importantes: em primeiro lugar, a crescente importância das relações sino-russas para ambas as potências se faz clara, sendo importante para que as potências asiáticas questionem e enfrente à hegemonia norte-americana (de modo que, a intensificação da cooperação é benéfica para a Federação Russa); em segundo lugar, são grandes os potenciais ganhos econômicos e políticos por parte da Rússia, que será privilegiada por sua posição estratégica na Ásia e na própria rota da seda (sendo um ponto importante de conexão entre Ocidente e Oriente). Além disso, com o desenvolvimento do megaprojeto de infraestrutura, somado à importância estratégica da *Meridian Highway*, a Federação poderá ganhar grande dinamismo econômico, com grande potencial de aumentar a competitividade dos produtos russos e fomentar também a industrialização, modernização e desenvolvimento da estrutura econômica russa.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos defender que a relação sino-russa apresenta grande potencial de transformação sistêmica, em especial quando consideramos que as duas maiores potências asiáticas se contrapõem e buscam lutar contra a hegemonia norte-americana e a unipolaridade sistêmica, característica do sistema internacional desde o pós-Guerra Fria. Apesar desta relação ter se

desenvolvido e se intensificado desde a ascensão de Vladimir Putin ao poder em 2000, versar sobre os fenômenos oriundos dessa aproximação ainda se faz extremamente necessário, em especial quando consideramos que a cooperação, apesar de trazer grandes benefícios para ambos os países, ocorre com alguns medos e preocupações, fator este vital para compreendermos os fenômenos geopolíticos existentes no continente asiático na atualidade.

Ao observarmos as grandes potencialidades da *Belt and Road Initiative*, considerar a forma pela qual os Estados afetados por ela agem é extremamente necessário, em especial porque a ascensão chinesa pode se traduzir numa subordinação ou marginalização destes atores no sistema internacional. Nesse sentido, buscamos defender que o “aval” que a Federação Russa dá para a realização da rota da seda advém, tanto de um processo de cooperação e aproximação sino-russa que vem ocorrendo e se intensificando em diversos campos durante todo o século XXI, quanto de um enorme pragmatismo russo, que vê na rota da seda uma grande oportunidade para atingir seus objetivos de política externa e grandes incentivos para alcançar diversos interesses nacionais.

De toda forma, a compreensão dos fenômenos geopolíticos e econômicos asiáticos observados na atualidade fazem-se extremamente necessários, em especial quando consideramos os potenciais de transformação sistêmica, com potenciais efeitos para todas as regiões do globo.

Referências Bibliográficas

ADAM, G.P. (2012). **A Rússia como grande potência e a parceria estratégica com a China**. In: ALVES, A.G. (ORG). *O renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI*. Brasília: Ipea, 2012.

ALVARES, T; PADULA, R. **A parceria sino-russa e a disputa pela Eurásia: imperativos geopolíticos e alianças conjunturais pelo controle do continente basilar**. Geosul, Florianópolis, v. 35, n.77, p. 196-222, dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/78224>>. Acesso em: 9 de fev. de 2022.

Bachman, Jessica. 2016. **China overtakes Germany as Russia's top crude consumer**. RT, Moscow, 14 mar. Disponível em: <<https://on.rt.com/76ve>>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

BISSIO, B. (2017). **Novos cenários geopolíticos: A aliança entre a Rússia e a China pode mudar o futuro da Eurásia**. Passagens: Revista Internacional De História Política E Cultura

Jurídica, 9(3), 532-553. Disponível em: <
<https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/45979>>. Acesso em: 25 de fev. de 2022.

BP 2021. **Statistical Review of World Energy 2021**. Edição 70. Disponível em:
 <<https://www.bp.com/en/global/corporate/energy-economics/statistical-review-of-world-energy.htm>
 l>. Acesso em 30 de fev. de 2022.

FALEIROS, R. N., NAKATANI, P., VARGAS, N. C., NABUCO, P., GOMES, H., & TRINDADE, R. V. (2014). **A Expansão Internacional da China Através da Compra de Terras no Brasil e no Mundo**. Textos & Contextos (Porto Alegre), 13(1), 58 - 73. Disponível em <
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/15489>>. Acesso em: 25 de jan. de 2022.

FIORI, J. L. **O poder dos Estados Unidos: formação, expansão e limites**. In: Fiori (ORG.) **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. **O sistema interestatal capitalista no início do século XXI**. In: FIORI, J. L.; MEDEIROS, C. A.; SERRANO, F. **O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLOVA, Irina. **Import Substitution Priorities for Ensuring the Economic Security of Russian regions**. Shs Web Of Conferences, v. 110, p. 1-7, 11 jun. 2021. Disponível em:
https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2021/21/shsconf_icemt2021_01012/shsconf_icemt2021_01012.html. Acesso em: 11 de mar. 2022.

KARYBKO, A. **Why Russia's Meridian Highway is a game-changer for China's BRI**. GGTN, 10 de jul. 2019. Disponível em: <
<https://news.cgtn.com/news/2019-07-10/Why-Russia-s-Meridian-Highway-is-a-game-changer-for-China-s-BRI-IdI8WjU9wI/index.html>>. Acesso em 30 de jan. de 2022.

KISSINGER, H. **Sobre a China**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEÃO, R. P.F. **A Economia Política da Transição Chinesa no Último Quartel do Século XX**. (2012). Revista Tempo Do Mundo, 4(3), 153-177. Disponível em:
 <<https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/74>>. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

MAZAT N.; SERRANO, F. (2012); **A geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, cooperação e conflito**. In: ALVES, A.G. (ORG). O renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI. Brasília: Ipea, 2012.

MEDEIROS, C. A. de. (2008). **Notas sobre o Desenvolvimento Econômico Recente da China**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/medeiroschina.pdf>>. Acesso em 28 de fev. de 2022.

OEC WORD. **RUSSIA**. 2021. Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/rus?yearSelector1=exportGrowthYear25>>. Acesso em 18 de fev. de 2022.

PAUTASSO, D. (2019). **A Nova Rota da Seda e seus desafios securitários: os Estados Unidos e a contenção do eixo Sino-Russo**. Estudos Internacionais: Revista De Relações Internacionais Da PUC Minas, 7(2), 85-100. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/18048>>. Acesso em: 9 de mar. de 2022.

RÚSSIA. **The Foreign Concept of Russian federation**. 28 de jun. de 2000. Disponível em: <<https://nuke.fas.org/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Acesso em: 19 de fev. de 2022.

SCHUTTE, G.; DEBONE, V. S. (2020). **Parceria China e Rússia: bases reais para superar a desconfiança histórica**. Carta Internacional, 15(2). Disponível em: <<https://doi.org/10.21530/ci.v15n2.2020.991>>. Acesso em: 24 de fev. de 2022.

TSYGANKOV, Andrei P. **Vladimir Putin's Vision of Russia as a Normal Great Power**. Post-Soviet Affairs, v. 21, n. 2, p. 132-158, jan. 2005.

WORD BANK (org.). **Belt and Road Initiative**. 2021. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/topic/regional-integration/brief/belt-and-road-initiative>>. Acesso em: 30 de jan. de 2022.